



Iniciativas buscam incentivar a formação para o empreendedorismo e a inovação na Universidade

Kafato Ribeiro / 29 de maio de 2024

Educação | Disciplinas de graduação e pós-graduação, bolsas e programas de iniciação empreendedora são algumas das possibilidades para alunos com interesse no tema

*Foto: Fêbia Dutra/Arquivo JU

No dia 21 de março, a sala da disciplina de “Introdução ao Empreendedorismo e Inovação” levou tempo para ficar cheia. A falta da placa de indicação com o número da UFRGS relacionadas ao empreendedorismo. Os docentes iniciam uma dinâmica com os estudantes: pedem que cada aluno diga seu nome e um palpite de quantos cursos diferentes há na turma. Os chutes variam entre sete e 18. No final, os professores revelam que a turma é composta por 55 alunos de 18 cursos diferentes – algo pouco comum – e incentivam os alunos a aproveitarem a oportunidade de contato com pessoas de áreas diversas.

Ao abordar a importância do autoconhecimento, Maximiliano apresenta alguns métodos para que os alunos reflitam sobre quais são as habilidades vocacionais e o que os motiva. Durante todo o processo, a turma permaneceu quieta e atenta – ao final, um aluno brinca que está em crise existencial e os outros riem.

Disciplinas da graduação como “Introdução ao Empreendedorismo e Inovação”, que tem como principal responsável o professor Maximiliano, e “Empreendedorismo em Informática”, ministrada pela professora Erika Cota, seguem uma dinâmica parecida e pensada junto ao Núcleo de Empreendedorismo Inovador da Universidade. Da mesma forma é a disciplina “Empreendedorismo e Inovação I”, oferecida na pós-graduação. Em todas elas, no decorrer do semestre os alunos têm contato com metodologias, conceitos e técnicas e realizam trabalhos práticos em grupo. Ao final, os discentes devem chegar à ideia de um produto ou serviço que resolva um problema real.

Ensino empreendedor

O Núcleo de Empreendedorismo Inovador é coordenado pela professora do Instituto de Química Michele Oberson, que fez um curso nos Estados Unidos focado no ensino do empreendedorismo através da participação ativa dos alunos.

Ela conta que, nesse curso, os participantes puderam “exercer a empatia, desenvolver a criatividade, distinguir ‘uma invenção’ de ‘uma inovação’, perceber o mercado potencial, a viabilidade econômica, conceber um protótipo mais econômico em tempo e recursos e saber aprender com os erros”. A capacitação encerrou com apresentações em *pitch* – explicação curta e direta com o objetivo de vender a ideia exposta – das propostas dos grupos.

Após voltar para a UFRGS, Michele e outros professores passaram a trabalhar para disseminar o empreendedorismo na universidade, tentando abranger o máximo de áreas possível. Dessa forma, as disciplinas vinculadas ao núcleo seguem uma ordem semelhante ao do curso feito por Michele nos EUA.

Em grupos, os estudantes utilizam técnicas para propor a solução de um problema. Michele salienta que é importante avaliar se o problema realmente existe e se a solução é sustentável, ou seja, de onde virão os recursos para mantê-la. Ao fim do semestre, convidados avaliam as propostas feitas pelos grupos e apresentadas em formato *pitch*.

“A nossa ideia aqui é que vocês tenham o empreendedorismo como uma rota profissional possível, ponto.”
— Maximiliano Segala

“O fato de querer estudar, o fato de ir atrás de algo, já é uma forma de empreender. A área de empreendedorismo dá algumas ferramentas que vão te ajudar a achar uma nova ideia, a construir essa ideia para que ela seja inovadora”
— Michele Oberson

Entre as técnicas ensinadas aos alunos da UFRGS, estão o *design thinking* e o *business model canvas* (BMC). A primeira é caracterizada por focar no ser humano ao desenvolver um produto ou serviço e conta com quatro etapas: imersão, ideação, prototipação e desenvolvimento. Já o BMC, de acordo com Maximiliano, é “uma ferramenta de gestão estratégica que permite desenvolver e mapear modelos de negócios novos ou existentes”. É um mapa visual pré-formatado com nove pepitas de modelo de negócios:



Oportunidades na UFRGS

Alunos com interesse em empreendedorismo podem participar de diversas ações na Universidade, como as desenvolvidas pela [Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico](#) (Sedetec), órgão responsável por ações de incentivo à inovação e ao empreendedorismo da UFRGS. Entre as iniciativas da Secretaria está o [Programa de Empreendedorismo](#), que conta com cursos e outras atividades de extensão, como a [Maratona de Empreendedorismo](#).

A Sedetec também é responsável pelas bolsas de Iniciação Empreendedora, voltadas para alunos de graduação. O objetivo é que grupos de estudantes com propostas empreendedoras se inscrevam e recebam mentorias para desenvolver a proposta de negócio.

A administradora Alice Neubert é uma das responsáveis pelo processo de seleção das propostas e explica que o foco não é apenas no mercado: projetos de cunho social também podem se inscrever, pois “empreender não é só a questão do mercado, mas uma questão de vida”.

A UFRGS ainda conta com [seis incubadoras](#) com diferentes focos, como Biotecnologia, Informática e Economia Solidária, que dão suporte técnico-científico a propostas pensadas dentro e fora da Universidade. Através delas, estudantes podem colaborar com o desenvolvimento de projetos e empresas incubados.

Estudantes que querem empreender

Ao fim da aula do dia 21 de março, conversei com alguns alunos da turma de Introdução ao Empreendedorismo e Inovação. A maioria relatou ter gostado da aula, apesar de não ter sido o que esperavam – em um bom sentido, ressaltaram. Quando questionados sobre os motivos para cursar a disciplina, escutei diferentes respostas e histórias.

Aluno da graduação em Direito, Juan Barbosa Dias relatou não estar gostando muito do curso e que pensa em empreender no futuro, talvez no segmento gastronômico. Decidiu fazer a disciplina para ter uma noção melhor sobre empreendedorismo e amadurecer as ideias. Enquanto isso, Célio Bittencourt, que cursa Ciências Contábeis, quer abrir seu próprio escritório quando acabar a faculdade.

Giovana e a bolsa de iniciação empreendedora

Giovana de Lucca é estudante de Ciências Biológicas e bolsista de iniciação empreendedora pela Sedetec. Junto à empresa [Bioli](#), a estudante colabora no desenvolvimento de parasitoides da mosca da fruta. A ideia é que [microvespas](#) parasitem as larvas das moscas dentro da fruta, impedindo que novas moscas nasçam. Ou seja, nas primeiras frutas, nascem microvespas, não moscas; nas frutas seguintes, nenhuma das duas, pois, como não haverá tantas moscas para colocar larvas, as microvespas não terão onde parasitar.

Giovana explica que, quando as moscas colocam as larvas, surgem os “marchucados” nas frutas, o que as deixa mais vulneráveis e faz com que percam valor no mercado. Frutas que estão “perfeitas” por fora costumam receber maior quantidade de agrotóxicos, complementa.

O projeto já existia, mas a discente diz que espera um dia desenvolver algo novo e seguir empreendendo na Biologia. Cursar a disciplina de empreendedorismo é uma forma de dar continuidade a esse desejo. Para ela, é importante o diálogo de diferentes setores e áreas de conhecimentos para desenvolver soluções para as situações que o mundo vem enfrentando.

“Eu não digo que eu vou criar uma empresa, mas eu com certeza vou criar coisas e empreender elas.”
— Giovana de Lucca

Walter e os cristais de estruvita

Também estudante de Ciências Biológicas, Walter Saenz Filho atua com métodos de saneamento e adubo ecológico. Ele conta que costumava observar o Arroio Dilúvio e, junto com um ex-colega, refletia sobre formas mais eficazes de tratamento dos resíduos humanos. Em 2015 iniciou os estudos na área, ao construir [banheiros secos](#) durante a participação do Encontro Regional de Estudantes de Biologia. Em determinado momento, leu sobre cristais de estruvita, que podem ser utilizados como fertilizante.

Esses cristais se formam naturalmente quando animais, como cachorros e gatos, têm alguma infecção. Walter passou a pesquisar como eles poderiam ser produzidos em laboratório a partir de urina humana. Apresentou suas ideias para um professor, com quem trabalhou como bolsista de iniciação científica até o ano passado.

Durante a bolsa, Walter conseguiu produzir os cristais, combinando métodos já existentes na literatura e ferramentas criadas por ele. De acordo com o estudante, as pesquisas em que ele se baseou produziam cerca de 15g de cristais a partir de 20L de urina, enquanto ele conseguiu obter 30g para 5L.

Walter optou por cursar a disciplina “Introdução ao empreendedorismo e Inovação”, pois quer empreender com biofertilizantes, mas não sabe como poderia fazer isso. As aulas são uma forma de procurar entender quais podem ser os próximos passos.

Nataly: do empreendedorismo intuitivo à formalização do saber

Nataly Garcia é doutoranda em Engenharia de Minas, Metalúrgica e de Materias na UFRGS e cursou a disciplina “Empreendedorismo e Inovação I”. Entretanto, a experiência dela com o empreendedorismo iniciou por causa da família. O pai produzia vestidos de alta costura no Rio de Janeiro e a mãe foi vendedora de produtos como roupas e cosméticos. Nataly relata que, ainda que nem sempre os clientes soubessem o que queriam, os pais conseguiam ofertar o que eles precisavam, deixando a clientela satisfeita.

A pós-graduanda relata ter percebido, há cerca de dez anos, certa mudança na forma como as pessoas veem esse tipo de trabalho. “É uma troca de abordagem, não mais enxergar a senhorinha que vende Natura, Avon, como a vendedora, mas sim como a empreendedora.” Para ela, a impressão que fica é que essas pessoas são menos marginalizadas e que podem crescer na profissão.

Além das vivências familiares, a doutoranda teve disciplinas de empreendedorismo na graduação. Porém, eram voltadas para gestão e administração de empresas, uma visão diferente da apresentada pelo núcleo empreendedor da UFRGS. A disciplina de pós-graduação serviu para formalizar saberes. Quando algum conceito ou método era apresentado, ela diz que pensava “eu e minha família já fazíamos isso”, apesar de não conhecerem os nomes. Para ela, a experiência de observar e escutar o que o outro precisa, capacidade trabalhada na disciplina, é uma “obrigação de empatia” que será levada para a vida.

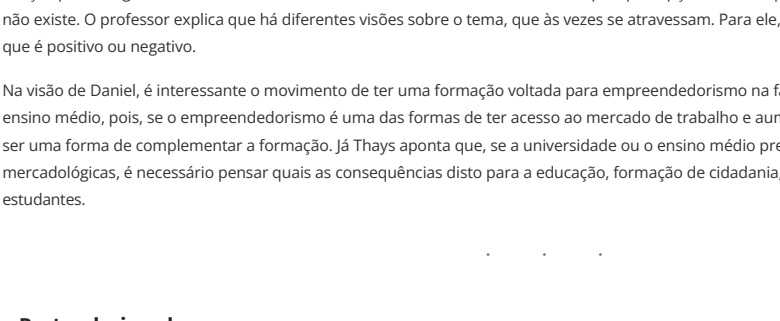
A atitude empreendedora

A professora do departamento de Sociologia da UFRGS Thays Mossi explica que, embora a intenção de empreender seja a mesma, a atuação no mercado de trabalho para quem cursa o ensino superior será diferente. Parte da ideia predominante de empreendedorismo está atrelada à política do Microempreendedor Individual (MEI), criada em 2008, que visa formalizar trabalhos até então informais – como vendedores ambulantes e autônomos. Estado a necessidade de se inserir no mercado de trabalho ou pela percepção de uma oportunidade de apresentar algo que não é papel do. Para a docente, a maneira como o empreendedorismo é tratado socialmente, muitas vezes, acaba passando à impressão que não é empreendedor oferecer emprego e acaba individualizando o mercado de trabalho. Por isso, é preciso abordar a respeito da precarização do trabalho que pode vir em torno do empreendedorismo.

Também professor do departamento de Sociologia é a UFRGS, Daniel Mocelin pesquisa empreendedorismo inovador, mas tem outro ponto de vista sobre o tema. Ele explica que o empreendedorismo é um fenômeno social do capitalismo e que, muitas vezes, se associa o empreendedor a um empresário, “o que não necessariamente é a mesma coisa”: empresário é quem administra, enquanto o empreendedor é quem cria algo novo. Essa criação pode surgir de uma necessidade de se inserir no mercado de trabalho ou pela percepção de uma oportunidade de apresentar algo que não existe. O professor explica que há diferentes visões sobre o tema, que às vezes se atravessam. Para ele, é preciso debater e ponderar sobre o que é positivo ou negativo.

Na visão de Daniel, é interessante o movimento de ter uma formação voltada para empreendedorismo na faculdade ou de forma complementar ao ensino médio, pois, se o empreendedorismo é uma das formas de ter acesso ao mercado de trabalho e aumentar a empregabilidade, também pode ser uma forma de complementar a formação. Já Thays aponta que, se a universidade ou o ensino médio precisam atender as necessidades mercadológicas, é necessário pensar quais as consequências disto para a educação, formação de cidadania, pensamento crítico e vida dos estudantes.

:: Posts relacionados



Desafios da comunicação de risco em desastres | Carta aos leitores | 05.06.24 | Receita catastrófica: desmonte do Estado com mudanças climáticas | Para repensar a infraestrutura urbana

:: ÚLTIMAS

